



APRESENTAÇÃO DE “AS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE WITTGENSTEIN”, DE PAUL FEYERABEND

LUIZ HENRIQUE DE LACERDA ABRAHÃO¹ E RAFAEL VELLOSO²

Wittgenstein me influenciou mais do que talvez eu mesmo perceba.
Paul Feyerabend

***Kraft Kreis*, um “clube filosófico” na Viena pós-2ª Guerra**

Paul Karl Feyerabend (1924-1994) se candidatou a uma vaga na *Musikhochschule Weimar* no início de abril de 1946. Antes disso, em Apolda, trabalhara em um jardim de infância da cidade compondo e dirigindo peças teatrais e espetáculos musicais para crianças. Aquela academia musical alemã tinha sob seus cuidados o *Institut zur Methodogischen Erneuerung des Deutschen Theaters*, um prolongamento do *Deutsches Theater Moskau*, dirigido por Maxim Vallentim. E, para conquistar a vaga na Universidade de Música, o pretendente – com cerca de 22 anos de idade, mas já veterano de guerra – confiou à instituição uma concisa carta de apresentação. O documento sintetiza o histórico formativo e as drásticas consequências, em seus planos pessoais, da ocupação alemã da Áustria e da ascensão do Nazismo:

Nascido em 13 de janeiro de 1924 em Viena. De 1930 a 1934 cursou a escola básica e, depois, o ensino secundário. Completou o programa do ensino secundário em 1942 com qualificação para ingressar na universidade. Os primeiros interesses pela área de ciência-filosofia apareceram aos 12 anos. Depois, através da literatura, houve uma mudança para a música. Nesse momento, atraiu-me sobretudo a performance vocal cênica. Então, deu-se início ao estudo de canto, que precisou ser interrompido, após um semestre, por causa da convocação para a *Wehrmacht*. Em razão de meus ferimentos, na Polônia, em 1945, permaneci em Turíngia desde fevereiro de 1945. Dada a melhoria do meu estado de saúde, eu gostaria de pôr fim à interrupção de meus estudos. Politicamente: membro formal da HJ³ de 1939 até ser convocado, em 1942. Desde setembro de 1945 colaborou (como diretor da divisão de teatro) com a *Freie Deutsche Jugend* [Juventude Alemã Livre], em Apolda, e com a *Kulturbund*

¹ Professor do Departamento de Educação do Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: luizabrahao@cefetmg.br.

² Doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: vellosorafa@gmail.com.

³ A sigla se refere à Juventude Hitlerista (*Hitlerjugend* or *Hitler-Jugend*). Em 1936 os nazistas promulgaram uma lei que tornava compulsória a associação à Juventude Hitlerista de todas as crianças acima de dez anos e, em março de 1939, tornou-se obrigatória a participação, no exército nazista de todos os convocados, sob pena de prisão dos pais ou responsáveis.

zur demokratischen Erneuerung Deutschlands [Associação Cultural para a Renovação Democrática da Alemanha]. (Collodel & Oberheim, 2020, pp. 45-46).

O registro final da admissão de Feyerabend, para estudar produção teatral e música, data de meados de 1946. Há cerca de quatro anos ele concluía o ensino médio (*Realgymnasium*), e não mais do que um ano antes ele tivera a experiência de ser alvejado por soldados russos. Contudo, o fato do ex-combatente das forças armadas do Terceiro *Reich* ter declarado vínculo com grupos antifascistas e de oposição ao nazismo, muito provavelmente, pesou favoravelmente para sua aceitação. Assim, meses após a rendição alemã, teve início a formação superior daquele que se tornaria um dos mais influentes e controversos filósofos da ciência do século XX. (Feyerabend, 1993, p. 343, n. 1; Feyerabend, 1996, p. 61).

A bolsa de estudos possibilitou que Feyerabend se dedicasse à cenografia, à harmonia musical, ao piano, à história do teatro, a idiomas estrangeiros e, claro, ao canto. Uma escolha previsível para quem, desde a adolescência, manifestara talento para as *lieder* e atração por ópera. (Feyerabend, 2007, pp. 337-338). No ano seguinte, o jovem solicitou transferência para o *Institut für Österreichische Geschichtsforschung* da Universidade de Viena. A aprovação da matrícula, por parte da *Erhenkomission* (comissão de mérito), levou em consideração o fato dele, apesar de ter participado ativamente de combates nas proximidades de Czestochowa, não ter filiação ao Partido Nazista, nem se envolvido em crimes contra civis. (Feyerabend, 1996, pp. 52, 72). Um semestre depois, Feyerabend trocou os estudos históricos sobre ascensão de impérios e políticas monárquicas por cursos de astronomia e matemática no Departamento de Física. O universitário, então, estudou com Johann Radon (análise de tensores), Edmund Hlavka (álgebra), Nikolaus Hofreiter (equações diferenciais), Theodor Sexl (física nuclear) e Adalbert Prey (astronomia esférica). Também frequentou cursos de Hans Thirring (Mecânica, Termodinâmica e Óptica) e testemunhou experimentos laboratoriais conduzidos por Karl Przibram e Félix Ehrenhaft (Feyerabend, 1996, Feyerabend, 2006, p. 217-219; Abrahão 2019)⁴.

Em 1948 a amiga Maria Blach o convidou para trabalhar como estenógrafo na sessão de verão dos encontros interdisciplinares do *Österreichischen College* (ÖC), em Alpbach, uma aldeia próxima a Brixlegg. (Feyerabend, 1996, p. 79). O evento no estado do Tirol, oeste da Áustria, continuava a parceria, iniciada em 1945, entre os irmãos Fritz e Otto Molden com outros combatentes da resistência austríaca. Os encontros de veraneio da Sociedade

⁴ Kuby (2010) inclui Adalbert Prey e Kasimir Graff como dois outros professores de Feyerabend no Instituto de Física na Universidade de Viena.

Universitária Austríaca⁵ se dividiam entre: seminários diurnos (em salas ou locações externas), conferências plenárias e simpósios à tarde, e apresentações artísticas noturnas. Grupos e fundações filantrópicas internacionais financiavam tais iniciativas. (Collodel & Oberheim, 2020, p. 26, n. 22).

Em sua primeira participação no evento em Alpbach Feyerabend conheceu, por exemplo, o biólogo Ludwig von Bertalanffy, o sacerdote jesuíta Karl Rahner e o economista F. A. von Hayek. Nesse sentido, é correto entender que a Sociedade Universitária Austríaca de Alpbach colocou Feyerabend em contato com uma “rede internacional de filósofos e cientistas” (STADLER, 2006, p. x). No entanto, a figura que mais o impressionou durante aquela quarta edição do IHA⁶, realizada entre 21 de agosto e 9 de setembro de 1948, foi, indubitavelmente, Karl Popper. Na oportunidade o graduando e o autor de *A Lógica da Pesquisa Científica* (livro que Feyerabend lera no ano anterior) debateram e conversaram sobre música (Mozart e Wagner) e filosofia da física. (Feyerabend, 2007, p. 348; Feyerabend, 1996, p. 79)⁷.

No final dos anos 1940 a Segunda República da Áustria vivia um momento de forte renascimento cultural e intelectual. Nesse espírito, surgiram grupos informais de discussão, inclusive um (integrado por estudantes de ciências e engenharia) voltado para os fundamentos filosóficos da filosofia natural (Feyerabend, 2007, p. 339; Feyerabend, 1996, p. 82). Feyerabend detalhou a formação desse “clube filosófico”:

Os estudantes de ciência na Viena de 1947 nutriam interesse em ciência, garotas, filosofia da ciência, religião, ideologia geral; estavam interessados em quase tudo sob o Sol (durante algum tempo alguns de nós frequentávamos escolas dominicais às 7 da manhã), mas sempre insistiam em um procedimento rigoroso, mesmo em relações pessoais (quando digo “rigoroso” me refiro a “rigoroso” para um vienense, o que pode ser desleixado para um prussiano ou para um americano). (Collodel & Oberheim, 2020, p. 24).

Eles partiam da premissa segundo o qual enunciados desprovidos de base empírica não passavam de empreendimentos formais (lógicos ou matemáticos) ou, simplesmente, não possuíam conteúdo cognitivo (Feyerabend, 1996, p. 77; Feyerabend, 2001, p. 66). Uma fonte teórica que sustentava essa postura dogmática era, sem dúvida, a popular cartilha neopositivista “Manifesto do Círculo de Viena” (1929). (Carnap, Hahn & Neurath, 1986). Com efeito, como os mais intolerantes membros do Círculo de Viena, Feyerabend e seus colegas buscavam

⁵ Traduções brasileiras das obras de Feyerabend costumam traduzir *Österreichischen College* como “Sociedade Colegial Austríaca” (Feyerabend, 2011, p. 136) ou, simplesmente, mantêm a expressão (em inglês) “*Austrian College Society*” (Feyerabend, 2007, p. 340; Feyerabend, 1996, p. 83).

⁶ Sigla para *Vierte Internationale Hochschulwochen Alpbach des Österreichischen College*.

⁷ Deste período, restaram ao menos duas cartas de Feyerabend a Popper. Cf. Collodel & Oberheim (2020, pp. 59-64).

debater “problemas filosóficos de uma forma não-metafísica e com uma referência especial para as descobertas científicas” (Feyerabend, 1966, pp. 3-4). Não demorou até que o graduando em Física despontasse como “líder” daquela *Collegengemeinschaft* (“fraternidade estudantil”). Dessa forma, passou a provocar e desafiar expoentes da sociedade austríaca, como o medievalista católico alemão Alois Dempf, o Monsignor Otto Mauer, o esteta Karl Roretz e o filósofo Eric Heintel. (Feyerabend, 1996, pp. 76-77, 82).

A postura militante não impediu que Feyerabend realizasse estudos de natureza epistemológica. Ainda em 1948, por exemplo, ele publicou um texto (impresso na *Veröffentlichungen des Österreichischen College*) relativo ao conceito de Compreensibilidade (*Verständlichkeit*) na Física Moderna⁸. (Feyerabend, 2016). Mas, com o tempo, os jovens estudantes sentiram a necessidade de uma espécie de direção acadêmica para suas ações. Para tanto, convidaram um filósofo que trabalhara como *Privatdozent* e como Professor Associado do Instituto de Filosofia da Universidade de Viena, mas que, por ter se casado com uma mulher com ascendência judia, perdera o trabalho (como funcionário público na biblioteca universitária), a licença para lecionar (*venia legendi*) e até a qualificação de *Habilitation*.

Muitos de nós iam a palestras de filosofia. Sentíamos <sic> enfadados e logo éramos expulsos, afinal, levantávamos questões (algo comum em palestras de ciências, mas não nas de filosofia) e fazíamos observações sarcásticas. Não demos o braço a torcer e formamos nosso próprio clube filosófico. Convidamos Viktor Kraft para ser nosso presidente, o que ele aceitou prontamente, pois buscava investigar certos problemas de forma mais prolongada, algo impossível na universidade. (Collodel & Oberheim, 2020, p. 24).

Quando o exílio forçado de Kraft terminou o autor da tese *Weltbegriff und Erkenntnisbegriff* passou a supervisionar as iniciativas da agremiação. O resultado dessa soma foi o *Kraft Kreis* – que Feyerabend descreveu como “uma versão estudantil do Círculo de Viena”. (Feyerabend, 1996, p. 83; Feyerabend, 2007, p. 340-341; Stadler, 666-673).

Wittgenstein na Kolingasse

O Círculo Kraft se reunia quinzenalmente em uma sala na Kolingasse, 19. O endereço, por algum tempo, serviu como *quartier général* da Sociedade Universitária Austríaca. (Feyerabend, 1996, p. 83). Outros nomes (membros da faculdade e figuras ilustres, como Bela Juhos e Ernst Topitsch) se juntaram aos membros originais do grupo, em sua maioria estudantes

⁸ O texto consiste em uma réplica ao ensaio “Die Besonderheit des Weltbildes der Naturwissenschaften” (1948), de Erwin Schrödinger. Para detalhes sobre a tradução do termo, ver VELLOSO, Rafael; VIDEIRA, ANTONIO AUGUSTO PASSOS . A indissociabilidade entre Física e Visão de Mundo segundo Paul K. Feyerabend. PRINCÍPIA (FLORIANÓPOLIS. ONLINE), v. 26, p. 509-537, 2022.

de ciências exatas: Matemática (Jhonny Sagan), Astronomia (Heinrich Eichhorn e Erich Jantsch), engenharia (Goldeberger de Buda) e Física (Peter Schiske). (Feyerabend, 2011, p. 135). Após algum tempo debatendo sozinhos eles decidiram abrir espaço para outras visões acerca de teorias científicas específicas (por exemplo, interpretações não einsteinianas das transformações de Lorentz) e, especialmente, do problema da existência do mundo exterior. Assim, Emil J. Walter, Georg Henrik von Wright ou Edgar Tranekjaer-Ramussen compareceram à sala da ÖC. Walter Hollitscher, quando passou pela Kollingasse, defendeu a necessidade da assunção da existência do mundo exterior, no senso comum e na ciência.

Enquanto aconteciam os encontros do Círculo Kraft e da Sociedade Universitária Austríaca Feyerabend, que representava a instituição, realizou diversas viagens acadêmicas. A convite de Ministérios da Educação de alguns países ele apresentou suas pesquisas para sociedades filosóficas na Suécia, Dinamarca e Noruega. Nessas ocasiões, o austríaco discutiu com físicos, psicólogos e filósofos escandinavos (por exemplo, Christian Møller, Aage Bohr, Edgar Tranekjær-Rasmussen, Aage Petersen, Oskar Klein, Jens C. Madsen, Konrad Marc-Wogau e Jørg Jørgensen). Entretanto, a interlocução mais decisiva para o desenvolvimento intelectual dele estava bem mais perto: na própria Viena.

Em torno de 1949 Feyerabend proferiu uma palestra sobre a filosofia de Descartes. Uma jovem, sentada na primeira fila, chamou a atenção do expositor. Quando terminou a fala, aproximou-se dela e perguntou-lhe o nome: “Miss Anscombe”, a moça respondeu. A filósofa britânica, formada em Oxford, passava alguns meses na capital da Áustria. Tinha por objetivo refinar seu domínio do idioma alemão para traduzir para o inglês as *Investigações Filosóficas* (a primeira edição, preparada por von Wright, saiu em 1953). (Teichman, 2001). Anscombe se encontrava com Wittgenstein cerca de três vezes por semana, para supervisionar o trabalho de tradução. Em seguida, Feyerabend entrou em contato com a ex-aluna de Cambridge a convidando para um encontro: “Eu havia lido o *Tractatus*”, lembrou, “mas não tinha a menor ideia da obra tardia de Wittgenstein. Ela a explicou para mim em conversas que, por vezes, duravam de seis a oito horas seguidas”. (Collodel & Oberheim, 2020, p. 28).

Na primavera de 1950, aproximadamente, Anscombe aceitou o desafio de discutir, no Círculo Kraft, a relevância de teorias acerca do desenvolvimento da psicologia infantil para o problema filosófico do mundo exterior. (Feyerabend, 2007, p. 340). Os integrantes do Círculo de Viena não gostaram do que ouviram: a “psicologia infantil não-empírica”, fortemente inspirada em Wittgenstein, pareceu-lhes irrelevante para o tema em foco. (Feyerabend, 1966, p. 4). Cogitou-se, em seguida, convidar o próprio Wittgenstein. Feyerabend tomou para si a

tarefa e rumou à porta da portentosa residência familiar do pensador: o *Palais Wittgenstein*, na Alleegasse, 4. O estudante informou ao porteiro que gostaria de convidar o filósofo da linguagem austríaco, naturalizado britânico, para um debate filosófico. Após uma longa e silenciosa espera, o funcionário trouxe a resposta: “*Herr Wittgenstein* foi comunicado, mas nada pode fazer por vocês”. (Feyerabend, 1996, p. 83). O fato não espantou Anscombe, habituada às excentricidades do amigo. Recomendou, então, que remetessem um bilhete objetivo. Conforme a sugestão, escreveram: “Somos um grupo de estudantes, estamos discutindo enunciados básicos e ficamos num impasse; soubemos que o senhor está na cidade e talvez possa ajudar-nos” (Feyerabend, 1996, p. 84). Dessa vez a tentativa surtiu efeito: “Recebi uma carta bastante simpática”, teria confidenciado à pensadora. (Feyerabend, 1996, p. 84). Houve uma certa resistência por parte dos cientistas do grupo: “‘Quem é este sujeito?’, perguntaram, ‘e por que deveríamos ouvi-lo? Anscombe já foi o suficiente’”. (Feyerabend, 1996, p. 84). Mas, no final das contas, a improvável passagem de Wittgenstein pelo Círculo Kraft aconteceu (em algum momento entre 24/12/1949 e 23/03/1950) (Monk, 1995, p. 494).

Chegou a hora. Kraft estava lá, os físicos estavam lá, os engenheiros estavam lá, os filósofos estavam lá – mas nada de Wittgenstein [...] Wittgenstein chegou uma hora atrasado. “Seu rosto parece uma maçã seca”, pensei e continuei a falar. Wittgenstein sentou-se, ouviu por alguns minutos, e então interrompeu: “*Halt, so geht das nicht*” (‘Pare, assim não vai!’). Ele discutiu detalhadamente o que se vê quando se olha por um microscópio – são estas coisas que interessam, ele parecia dizer, não considerações abstratas sobre as relações de “enunciados básicos” com teorias. Lembro da maneira exata como ele pronunciou a palavra *Mikroskop*. Houve interrupções, questões insolentes. Wittgenstein não se perturbou. Ele certamente preferia nossa atitude desrespeitosa à admiração servil que encontrava em outros lugares. (Feyerabend, 1996, p. 83).

Na opinião de alguns dos presentes as ideias wittgensteinianas em nada ajudavam a esclarecer a controvérsia em torno da existência de um mundo exterior. (Feyerabend 1966, p. 4). Os mais radicais frisavam que elas não passavam de “um tipo particularmente sem inspiração, de psicologia infantil” (Feyerabend, 1996, p. 83). Não foi essa a impressão de Feyerabend. Pelo contrário, o primeiro encontro com Wittgenstein o deixou em “estado de total desorientação [*restlos verworrenen Zustand*]”. (Collodel & Oberheim, 2020, p. 49). Entretanto, o estudante ainda demoraria bastante tempo até elaborar e compreender os argumentos de Anscombe e Wittgenstein. (Wittgenstein, 2009). Nas palavras de Feyerabend:

Também me beneficieei de minhas discussões com a sra. Anscombe (Cambridge) acerca dos problemas das IF (*Investigações filosóficas*, de Wittgenstein). Naquele tempo, ela me mostrou diversas formulações que me pareceram completamente incompreensíveis e que me acompanharam por muito tempo de uma forma confusa (bem como várias formulações que retirei de uma discussão com L. Wittgenstein, que participou em uma reunião noturna do Círculo Kraft). (Abrahão, 2019, p. 15).

Feyerabend leitor de Wittgenstein

As atividades do Círculo Kraft não começaram nem terminaram com a passagem de Wittgenstein pela Kolingasse⁹. Apesar de algumas interrupções o grupo manteve reuniões periódicas – a começar por 1948 – por três ou quatro anos. (Feyerabend, 2006, p. 340). Contudo, embora estivesse matriculado no curso de Física, cada vez mais Feyerabend se especializava em filosofia da ciência. Contribuía para isso o fato de o clube filosófico coordenado por Kraft não abordar apenas problemas de teoria da ciência (*Probleme der Wissenschaftstheorie*), mas, também, assuntos filosóficos como a questão do realismo. (Abrahão, 2018, p. 15). Nesse sentido, Feyerabend não apenas leu e resumiu as publicações neopositivistas impressas no periódico *Erkenntnis*¹⁰. Ele também expôs suas próprias ideias em eventos acadêmicos, dentro e fora da Áustria. O lógico Sören Halldén e os filósofos Konrad Marc-Wogau e Ingmar Henenius o viram falar certa vez em Upsala (Suécia), por exemplo. (Collodel & Oberheim, 2020, p. 54).

Vencido o prazo (especial para ex-combatentes) de seis semestres Feyerabend precisava entregar a dissertação de fim de curso. (Feyerabend, 1996, p. 72). Inicialmente, apresentaria um trabalho sobre eletrodinâmica clássica, no entanto, preferiu aproveitar as muitas anotações feitas durante as reuniões do Círculo Kraft. Os apontamentos focalizavam, em particular, a concepção predominante no Empirismo Lógico a respeito do significado de enunciados observacionais e sua centralidade para a comparação do conteúdo empírico das teorias. (Feyerabend, 2006, p. 285-286; Feyerabend, 2007, p. 286 n. 10; Oberheim, 2006, Part II.). Feyerabend escolheu Kraft como orientador da tese e, como avaliadores, foram convidados o físico experimental George Stetter e o psicólogo Friedrich Kainz. Em 12/06/1951 o candidato submeteu o texto (ainda inédito) *Zur Theorie der Basissätze* [*Sobre a Teoria das Sentenças de Base*] à banca, a qual teceu entusiasmados elogios ao aspirante¹¹.

⁹ Cumpre lembrar que eles abordaram o texto no qual Herbert Feigl admite uma referência efetiva (ainda que inobservável) para os termos teóricos, libertando, dessa forma, o empirismo do temor de assumir compromissos ontológicos explícitos com os conceitos abstratos. (Feyerabend, 1966, p. 4). Cf. FEIGL, H. Existential Hypotheses. Realistic versus Phenomenalistic Interpretations. *Philosophy of Science*, Vol. 17, No. 1 (Jan., 1950), pp. 35-62.

¹⁰ Por exemplo: “Psychologie in physikalischer Sprache” (vol. I, 1930/31) e “Über Protokollsätze” (vol. III, 1932/33), de Carnap; “Kritische Bemerkungen zur Wissenschaftstheorie des Physikalismus” (vol. IV, 1934), de Bela Juhos; “Protokollsätze” (vol. III, 1932/33), “Radikaler Physikalismus und, Wirkliche Welt” (vol. II, 1934), de Neurath; ou “Über das Fundament der Erkenntnis” (vol. III, 1943), de M. Schilick. Ver Stadler (2001, pp. 589-593).

¹¹ O parecer final dos membros da banca avaliadora (Arquivo de defesa de tese n. 18.107 da Universidade de Viena) diz coisas como: “A dissertação mostra um extraordinário talento” e “o estudo se sobressai em relação à média das dissertações e, assim sendo, merece ser classificado como excelente”. (Cf. Abrahão, 2019, p. 17). Sladler (2006, p. xiv) apresenta mais detalhes: “Os exames finais em questões de filosofia e psicologia com os examinadores Viktor Kraft, Friedrich Kainz e Hubert Rohracher receberam ‘menção honrosa’, e o exame de uma

No texto Feyerabend atacava diretamente as posições fisicalistas e fenomenalistas acerca do papel das sentenças observacionais como fundamento da verificação das ciências naturais. O autor de *Contra o Método* explicou, anos depois, que *Zur Theorie der Basissätze* consistia em uma crítica à visão tradicional sobre o significado das sentenças de base (também tratadas como “enunciados observacionais” ou “sentenças protocolares”). (Feyerabend, 2007, p. 286). Em síntese, a dissertação conclui pela impossibilidade de isolar o “dado” – seja por observação, seja logicamente –, afinal, toda a observação envolve, além do objeto (o “dado”), *propriedades* de objetos e *relações* de objetos. Assim, já em 1951, Feyerabend colocava no horizonte da filosofia da ciência a tese – que se tornaria célebre¹² – segundo a qual o uso de sentenças observacionais é sempre estabelecido por uma Teoria, ou, em termos mais wittgensteinianos, que *o significado das “sentenças básicas” é contextualmente determinado*. (Feyerabend, 1981a, pp. 17-36; Oberheim, 2005).

Após obter o PhD, Feyerabend concorreu a uma bolsa de estudos do *British Council*. Pretendia morar no Reino Unido e Wittgenstein havia aceitado supervisionar a pesquisa de pós-doutorado dele, que abordaria questões ligadas à física moderna. Contudo, pelo menos desde janeiro de 1951, o estado de saúde do autor do *Tractatus* se agravara. Pálido e sofrendo de dores estomacais, estava gravemente enfermo: tinha o diagnóstico de câncer de próstata e, mesmo tratando com hormônio (estrogênio), não viveria muito mais. Faleceu no fim de abril, em Cambridge, pouco tempo antes de Feyerabend desembarcar em Londres. (Feyerabend, 1996, p. 93). “Hoje vejo isso como um golpe de sorte”, comentou. “Tivesse Wittgenstein como supervisor eu poderia ter me tornado um wittgensteiniano pelo resto da vida”. (Collodel & Oberheim, 2020, pp. 28-29). No entanto, Feyerabend ainda tinha nas mãos a bolsa de estudos da instituição inglesa (para 1952-1953) e precisava escolher outro orientador: escolheu Popper. (Feyerabend, 2007, p. 348).

Feyerabend assumiu o compromisso com Popper de assistir o seminário (“Lógica e Método Científico”) na LSE e se dedicar às interpretações de von Neumann e David Bohm sobre a teoria quântica (Feyerabend, 1996, p. 349). Os temas estavam em total afinidade com o interesse do orientador pelos debates acerca do determinismo e indeterminismo na física moderna. (Collodel & Oberheim, 2020, p. 9). Porém, além de fundamentos da teoria quântica, Feyerabend se dedicara – por vontade própria – à obra de Wittgenstein. (Feyerabend, 1996, p. 100). Aqui, mais uma vez, a amizade e a generosidade de Anscombe se revelaram valiosíssimas.

hora sobre física também foi considerado ‘excepcional’ por Hans Thirring e E. Schmid”. Nas descrições fornecidas pelo filósofo, contudo, os nomes do psicólogo Hubert Rohracher e de E. Schmid não são citados.

¹² Mais conhecida como *Tese da Impregnação Teórica da Observação*.

Como editora testamentária de Wittgenstein, tinha autoridade para autorizar que o aluno de Popper folheasse os rascunhos (*Zettel*) wittgensteinianos: “Ela me deu manuscritos dos escritos mais recentes de Wittgenstein e discutiu-os comigo”. (Feyerabend, 2007, p. 347). Ambos permaneceram, por meses, debruçados sobre os arquivos que, futuramente, seriam organizados e publicados como *Investigações Filosóficas* (1953) e *Observações sobre os Fundamentos da Matemática* (1956).

A produção feyerabendiana correspondente a esse período (1952-1953) consiste, basicamente, em algumas resenhas de livros¹³ e dois breves artigos¹⁴. Quando a bolsa de estudos terminou Feyerabend retornou a Viena (não sem antes ter recusado o honroso cargo de assistente de Popper na LSE) e se envolveu com alguns projetos editoriais de menor expressão intelectual. (Abrahão, 2019, pp. 28-29). Assim, em 1954, além de outras resenhas¹⁵, escreveu dois artigos importantes sobre filosofia da física (ambos ligados à pesquisa supervisionada por Popper)¹⁶ e, mais importante, colocou em circulação, em três textos enviados à *Merkur: Deutsche Zeitschrift für europäisches Denken*, suas primeiras leituras sobre a obra Wittgenstein¹⁷.

Com efeito, além de resenhar livros, no início da década de 1950 Feyerabend iniciava a redigir trabalhos mais autorais. De certa forma, o texto cuja tradução ora publicamos – “As *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein”¹⁸ – agrupa essas duas características. “Com a

¹³ Heskell B. Curry, *Outline of a Formalist Philosophy of Mathematics* (1951), Georg H. von Wright, *An Essay in Modal Logic* (1951), Karl Dürr, *The Propositional Logic of Boethius* (1951), Andrzej Mostowski, *Sentences Undecidable in Formalized Arithmetic: An Exposition of the Theory of Kurt Gödel* (1951) e Paul C. Rosenbloom, *The Elements of Mathematical Logic* (1952).

¹⁴ “Neuere Probleme der philosophischen Logik”, in: *Wissenschaft und Weltbild: Monatschrift für alle Gebiete der Forschung*, 5: 9 (November 1952), 315-319; e “Bemerkungen zu Interpretation and Preciseness”, in: *Semantiske problemer: inledningsforedrag og diskussionsreferater fra Krets 5, Nordisk sommeruniversitet, 2. sesjon, Ustaoset 1952*, Jens R. Gjerløw, Anders Bjerrum, Hans Regnéll (eds), Akademisk forlag: Oslo 1953, pp. 77-84.

¹⁵ *A Century of Science*, Herbert Dingle (ed.), Hutchinson (1951), John Barkley Rosser, *Logic for Mathematicians* (1953), *Truth and Consequence in Medieval Logic*, Ernest A. Moody (ed.) (1954), Reuben Louis Goodstein, *Constructive Formalism: Essays on the Foundations of Mathematics* (1954) e Rudolf Carnap, *Einführung in die symbolische Logik mit besonderer Berücksichtigung ihrer Anwendungen* (1954).

¹⁶ “Physik und Ontologie”, *Wissenschaft und Weltbild: Monatschrift für alle Gebiete der Forschung*, 7: 11-12 (November-December 1954), 464-476 e “Determinismus und Quantenmechanik”, *Wiener Zeitschrift für Philosophie, Psychologie, Pädagogik*, 5: 2 (1954), 89-111.

¹⁷ “Wittgenstein und die Philosophie, I”, *Wissenschaft und Weltbild: Monatschrift für alle Gebiete der Forschung*, 7: 5-6 (May-June 1954), 212-220; “Ludwig Wittgenstein”, *Merkur: Deutsche Zeitschrift für europäisches Denken*, 8: 11 (July 1954), 1021-1038; e “Wittgenstein und die Philosophie, II”, *Wissenschaft und Weltbild Monatschrift für alle Gebiete der Forschung*, 7: 7-8 (July-August 1954), 283-287.

¹⁸ Originalmente publicado em: G. E. M. Anscombe and R. Rhee (eds), G. E. M. Anscombe (trans.), Blackwell: Oxford 1953], *The Philosophical Review*, 64: 3 (July 1955), 449-483. O texto foi reimpresso nestas obras: Wittgenstein, *The Philosophical Investigations: A Collection of Critical Essays*, George Pitcher (ed.), Anchor Books, Doubleday and Co.: Garden City (NY) 1966, pp. 104-150 e *Ludwig Wittgenstein: The Man and his Philosophy*, K. T. Fann (ed.), Humanities Press: Sussex 1967, pp. 214-250. O próprio Feyerabend o republicou em duas ocasiões: *Probleme des Empirismus. Schriften zur Theorie der Erklärung, der Quantentheorie und der Wissenschaftsgeschichte: Ausgewählte Schriften, Band 2*, Vieweg: Wiesbaden 1981, xiv+472 pp e no capítulo 7

publicação [das *Investigações Filosóficas*]”, Feyerabend disse, “tentei chegar ao fundo dela”. (Feyerabend, 1996, pp. 100-101). Assim, o longo estudo que agora se pode ler em idioma português apresenta o livro e, ao mesmo tempo, aponta para uma interpretação própria do pensamento tardio de Wittgenstein. Quem verteu a resenha do alemão para o inglês foi a própria Anscombe – indício forte da alta qualidade da leitura proposta por Feyerabend. Ademais, foi a própria aluna de Wittgenstein que submeteu o texto para à célebre revista (fundada em 1892) voltada, principalmente, para investigações no campo da filosofia analítica. (Feyerabend, 1981b, p. 99, n. 2).

A estrutura do “monstrengo wittgensteiniano”

Na resenha “As *Investigações filosóficas*” de Wittgenstein Feyerabend sintetiza as principais ideias presentes naquela obra, sem, como é típico do autor de *Contra o Método*, deixar de acrescentar elaborações e críticas próprias.

Já nas primeiras linhas de seu texto Feyerabend apresenta a estrutura e a forma da resenha:

1. Apresentação a teoria discutida por Wittgenstein ao longo de sua obra, com a observação de que não utilizará considerações habituais do filósofo austro-britânico.
2. Apresentação, com auxílio de exemplos, da crítica wittgensteiniana à referida teoria.
3. Apresentação do que Feyerabend entende ser o próprio posicionamento de Wittgenstein.
4. Apresentação da relação entre a teoria exposta com a posição filosófica de Wittgenstein. Podemos também destacar mais um momento, em face do acréscimo ao texto feito em 1980, onde Feyerabend indica as contribuições de Wittgenstein para o debate sobre o realismo e o método científico.

Feyerabend destaca cinco ideias que compõem a teoria em questão:

- a. Toda palavra possui um significado que lhe é correspondente. Isto teria como consequência que seu significado existe *independente* da linguagem e de se ela é utilizada ou não. De acordo com esta noção, estes significados são objetos simples e bem definidos.
- b. No entanto, quando comparamos estes significados com seu emprego, há certo caráter de impureza, ou imperfeição, na nossa linguagem.

de *Problems of Empiricism: Philosophical Papers, Volume 2*, Cambridge University Press: Cambridge 1981, xii+255 pp.

c. A imperfeição na linguagem resulta em dois problemas filosóficos: (i) a necessidade de encontrar a *essência* da palavra em questão ao ser empregada na linguagem cotidiana; (ii) a tarefa de construir uma linguagem que se relacione de maneira simples e direta à essência da palavra. A maneira pela qual seria possível encontrar esta essência, acrescenta Feyerabend, é através da *análise*.

d. Feyerabend, então, questiona de que maneira podemos verificar se, a partir de determinada análise, essa suposta essência pode ser *experienciada* (sendo esta experiência a existência de uma imagem mental, uma sensação, fenômeno etc.).

e. Neste sentido, com base nas ideias apresentadas, ensinar uma linguagem significa, a rigor, mostrar a conexão que existe entre uma determinada palavra e seu significado. Ou seja, aprender uma linguagem significa *nomear objetos*.

A partir de então, Feyerabend apresenta a crítica de Wittgenstein à teoria sintetizada nas cinco ideias anteriores. Para tanto, recorre a exemplos e argumentos utilizados na *Investigações Filosóficas*, mas com algumas aplicações elaboradas por ele próprio. Para Wittgenstein, não é possível saber o que uma determinada palavra significa, ou se ela possui algum significado, se tomarmos como base a teoria supracitada. Esta crítica é realizada ao longo de toda a obra do filósofo austro-britânico, através de minuciosa análise de uma série de casos e exemplos que, como o próprio Feyerabend alerta, não são de fácil apreensão, o que lhe faz optar pela utilização de alguns poucos exemplos (ao invés de muitos, como faz Wittgenstein), apresentados em perspectivas distintas.

A tarefa de alguém que trabalha com a filosofia da linguagem é descobrir a essência das coisas designadas por determinadas expressões ou palavras. A palavra “*ler*”, por exemplo, de acordo com as teses apresentadas anteriormente, é o ato de transformar em sons algo escrito, impresso, de escrever seguindo um ditado etc. Então, “*ler*” pode representar uma série de atividades distintas. No entanto, de acordo com a tese enunciada, “*ler*”, apesar de suas variadas manifestações, possui uma essência, representada por apenas um objeto ou atividade. Todas essas manifestações seriam casos particulares, acidentais do ato de ler e para descobrirmos o que é essencial à leitura é preciso ir além de todas essas camadas acidentais do ato de ler. Em outras palavras, ler é um processo psicológico específico, o qual pode-se denominar como *processo de leitura* (RP – *reading process*). Ou seja, podemos afirmar que uma pessoa está lendo se e somente se ocorre RP. Feyerabend então elenca uma série de problemas desta definição, como o caso de uma pessoa que até possui um jornal em sua mão e o lê, mas,

paralelamente, confere seu relógio, pois aguarda a chegada de um amigo, se diverte com erro de impressão, ou confere se o leite já está fervendo. Tudo isto ocorre em paralelo com um processo mental específico, o *processo mental de ler* (MRP – *mental reading process*). Disto, conclui-se que MRP não é capaz de definir, descrever o processo de leitura em geral, por omitir todas estas sutilezas presentes no ato de ler em nosso cotidiano. Além disso, como podemos saber se de fato MRP está presente, ou se o que julgamos ser um processo de ler é uma outra coisa, interpretada erroneamente?

Neste sentido, nota-se a complexidade em demonstrar que um conteúdo mental específico sempre está presente quando alguém lê, de maneira que seja possível indicá-lo como a essência de ler. Feyerabend vai além e destaca que parece ser impossível definir a essência de qualquer coisa, de acordo com as teses apresentadas no início de sua resenha e criticadas por Wittgenstein. No entanto, paradoxalmente, somos capazes de falar, solucionar problemas, transmitir o que pensamos, sem sermos afetados por essa suposta impossibilidade de descobrir a essência de palavras e expressões. Pode-se questionar: como expressões ou palavras que não possuem sentido, ou desconhecemos sua essência, não atrapalham seu uso no discurso?

A fim de explorar tal dilema, é analisada uma aplicação mais primitiva da linguagem, isto é, nos casos em que é possível atribuir de maneira direta a finalidade e o funcionamento das palavras. Para tal, utiliza-se o que Wittgenstein denomina por *jogos de linguagem* e, para ilustrar, Feyerabend resgata o seguinte exemplo: imagina-se a situação na qual um construtor e seu ajudante estão realizando algum tipo de trabalho e para tal estão à mão cubos, colunas, lajotas e vigas. Para que o serviço seja executado, o construtor pronuncia uma das palavras (“*lajota*”, por exemplo) e indica o objeto. Ou seja, há uma conexão direta entre o som emitido e um determinado objeto, como uma espécie de treinamento o qual o assistente passa a associar determinadas palavras a objetos específicos. A partir do momento que o assistente conhece a ligação entre as palavras e os respectivos objetos, ele está apto para seguir ordens mais complexas. Em outras palavras, *está apto para o jogo de linguagem*. Aumentando o grau de complexidade, além dos objetos, as ordens contêm também nomes de cores, números e descrições (“*quatro lajotas vermelhas*”, por exemplo). Neste sentido, o exemplo proposto sugere uma interpretação instrumentalista da linguagem, onde as ordens transmitidas de uma pessoa a outra (do construtor para o ajudante), tem como objetivo fazer o segundo agir de certo modo.

Logo, o conceito de *seguir uma regra* nestes jogos de linguagem sugere que quem pronuncia uma frase realiza uma espécie de cálculo segundo regras determinadas, que lhe

possibilita então a compreensão e significação destas palavras. A regra seria algo que direciona a atividade nestes jogos de linguagem, é uma *práxis*. No arcabouço desta mesma teoria, significar é o estabelecimento de objetos pelas palavras. Portanto, a compreensão dos significados de acordo com estas regras da teoria instrumentalista da linguagem ocorre através de seu uso, distinto da categoria de um processo mental. No entanto, os jogos de linguagem não se limitam a descrições de como objetos funcionam, mas há também a pretensão de expressar pensamentos, desejos etc. Através da relação entre um certo signo e uma figura mental, somos capazes de compreender o que determinada pessoa está dizendo, sentindo etc. Neste sentido, analisar essas contradições da teoria instrumentalista da linguagem, a maneira pela qual um signo torna-se significativo quando inserido em um jogo de linguagem é, de acordo com Feyerabend, a tarefa da obra *Investigações Filosóficas*.

“Olhem, não pensem!” – das influências de Wittgenstein em Feyerabend

Preston (1997, p. 25) salientou que Feyerabend retirou das *Investigações Filosóficas* uma concepção “instrumentalista” de interpretar nossos sistemas de comunicação. Nessa visão, os significados dos termos não passam de ferramentas linguísticas que habilitam o processo de transmissão, recepção e replicação das informações enviadas. Essa leitura, de fato, tem apoio nas páginas de Feyerabend:

De minha parte chego a afirmar – e existem fortes evidências a favor dessa visão – que a teoria de Wittgenstein pode ser compreendida como uma teoria construtivista do significado, isto é, como um construtivismo aplicado não apenas aos significados das expressões matemáticas, mas aos significados em geral. (Feyerabend, 1955, p. 462; Feyerabend, 1981b, p. 125).

Com efeito, aplicada à terminologia científica, a concepção “contextualista” mostraria que a utilização dos termos teóricos refletiria os contextos pragmáticos em que eles são usados. Assim, o comentador escreveu: “a consequência mais controversa da teoria contextual do significado é a tese da incomensurabilidade” (PRESTON, 1997, p. 102). Por sua parte, Oberheim (2005, p. 372) sublinhou que Feyerabend “foi profundamente influenciado pela psicologia da *Gestalt*, especialmente Köhler, que é uma das poucas fontes mencionadas em todo o livro [*Investigações Filosóficas*]” (OBERHEIM, 2005, p. 372). Em outros termos, o legado do livro de Wittgenstein para o filósofo da ciência, especialmente em relação à incompatibilidade de observações, deveria ser procurada na crítica wittgensteiniana à teoria fenomenalista da percepção (presente na seção XI da “Parte II” das *Investigações Filosóficas*)¹⁹.

¹⁹ Nessa parte do livro Wittgenstein recorre às famosas “figuras mutantes” (como o “pato-coelho”), nas quais vemos aspectos diferentes em uma imagem que permanece inalterada, para mostrar que a percepção dessas

Entretanto, a resenha de 1955 se concentra na “Parte I” das *Investigações Filosóficas*. Portanto, seguindo Preston (1997), embora ajude a fundamentar a incongruência *semântica* de conceitos empregados em teorias científicas conflitantes, a resenha de 1955 não aprofunda em outros temas que serão centrais para a tese da incomensurabilidade em Feyerabend. (Abrahão, 2009).

Isso não significa que as ideias de Wittgenstein acerca da dimensão contextual da percepção (via Psicologia da *Gestalt*) sejam irrelevantes para o tema. Muito pelo contrário: sobretudo a partir da década de 1960 Feyerabend associará o pensamento de Wittgenstein à sua própria mudança de concepção acerca da investigação filosófica sobre a ciência: “A ênfase que Wittgenstein dava à necessidade de pesquisa concreta e suas objeções ao pensamento abstrato (‘Olhem não pensem!’) conflitava bastante com minhas próprias inclinações”, ele escreveu em 1978. (Feyerabend, 2011, p. 143). Ainda em *A Ciência em uma sociedade livre* sintetizou o modo como o livro de 1953 alterou não só sua ideia de incomensurabilidade como da própria ciência: “O grande mérito de Wittgenstein foi o “ter enfatizado que a ciência contém não apenas fórmulas e regras para sua aplicação, mas *tradições* inteiras. (Feyerabend, 2011, p. 82). Então, a obra de Wittgenstein o ajudou a perceber que a ciência não se resume a *conceitos*, mas também envolve *valores* (isto é, critérios epistêmicos para analisar o conteúdo das sentenças teóricas) e contextos que interferem na nossa *observação* da realidade. (Feyerabend, 2011, p. 212, n. 38; Feyerabend, 2007, p. 288). Um trecho importante para entendermos essa questão está no *Adeus à Razão*:

Minhas primeiras dúvidas sobre a identificação da ciência com as características explícitas de suas teorias e de seus relatórios observacionais surgiram em 1950, quando li uma cópia manuscrita de *Philosophical investigations [Investigações filosóficas]*, de Wittgenstein. Eu ainda expressava essas dúvidas de uma maneira abstrata, em termos de problemas conceituais (incomensurabilidade, elementos “subjetivos” da teoria da explicação). (Feyerabend, 2010, p. 349).

Considerações finais

É inegável que Wittgenstein ocupa uma enorme importância dentre as fontes do pensamento feyerabendiano. (Feyerabend, 2010, pp. 334-335). O autor de *Contra o Método* comentou a esse respeito: “Por acaso, estudei os escritos de Wittgenstein muito mais a fundo do que qualquer coisa tratada pelo inventário popperiano, embora ainda exista quem me considere um apóstata popperiano. (Feyerabend, 2001, p. 68). Especificamente sobre a resenha das *Investigações Filosóficas* de 1955 se pode afirmar que ela o permitiu assumir uma posição

características é fruto de sua aparição em *contextos* determinados. O próprio Feyerabend recorreu a essas figuras. Cf. Feyerabend (2010, p. 101) e Feyerabend (1991, p. 152).

nominalista (Feyerabend, 1996, p. 101). Mas não só. Ela também o ajudou a notar que os padrões de racionalidade são, no fundo, *práticas* sociais. (Feyerabend, 2011, pp. 34-35, n. 7).

Não obstante, o filósofo da ciência realizou importantes acréscimos, em 1979, para a reimpressão (em alemão) da resenha na coletânea *Probleme des Empirismus* (1981). Nesse acréscimo Feyerabend destaca a importância das investigações de Wittgenstein para os debates sobre o realismo e o método científico. Ele destaca que, de maneira geral, os racionalistas científicos afirmam que a prática científica tem como base leis e modelos, que podem ser compreendidos discutindo, exaustivamente, os *slogans* utilizados para expressar as relações lógicas existentes entre estas mesmas leis e modelos. Logo, seria possível compreender a ciência, sem dela participar. Entretanto, Feyerabend resgata uma objeção de Wittgenstein segundo a qual a significação desses *slogans* só é possível através de sua conexão com a prática científica. Esta deveria ser uma lição wittgensteiniana para a filosofia da ciência: prescrever uma lógica da pesquisa que difere da prática científica inviabiliza a compreensão da prática científica pela filosofia da ciência.

No adendo em questão – que aparece na reimpressão em inglês da resenha em *Problems of Empiricism*, o segundo volume dos escritos filosóficos de Feyerabend – o austríaco também destaca certas semelhanças entre as ideias de Wittgenstein e Thomas Kuhn. Enquanto o filósofo austro-britânico utiliza em seu léxico “jogos de linguagem” ou “formas de vida”, o físico e historiador da ciência estadunidense possui como sua principal ideia o “paradigma”, conceitos que não podem ser compreendidos tendo como bases descrições puramente abstratas: tanto os “jogos de linguagem” quanto o “paradigma” não seriam entidades bem definidas, mas palavras que designam uma prática compreendidas por aqueles que participam delas. Esta elaboração teria como objetivo a construção de uma imagem menos fantasiosa da prática científica.

Por fim, no acréscimo de 1980 à resenha de 1955 (reproduzido abaixo) Feyerabend faz um comentário crítico a Wittgenstein. Opõe-se à noção de que a filosofia não deve produzir teorias, mas sim arrumar as fronteiras destes jogos de linguagem (o qual as ciências da natureza se inserem), a fim de torná-los mais compreensíveis. Neste sentido, a elaboração de teorias filosóficas seria, para Wittgenstein, uma espécie de formulação sobre aquilo que já existe. Entretanto, Feyerabend se opõe a Wittgenstein e argumenta que teorias filosóficas têm contribuído para a mudança do conhecimento (como na questão do conflito entre a teoria e a prática) e não apenas refletido sobre aquilo que já existe. Assim, Feyerabend diverge da noção de que a prática filosófica equivale à construção de mitos, a erigir castelos no ar. O autor de

Contra o Método sustenta, pois, que teorias filosóficas possuem um papel ativo no desenvolvimento do conhecimento.

Abaixo, incluímos a tradução dessa adição, em 1980, à resenha das *Investigações Filosóficas* que Feyerabend publicou em 1955:

Os argumentos de Wittgenstein podem aplicar-se a importantes trabalhos sobre o racionalismo e o método científico. Os racionalistas científicos aceitam que a prática científica, e a prática do pensamento em geral, é baseada em leis simples e modelos, e *deve* basear-se e tais modelos, e que ambos podem ser tratados exaustivamente discutindo os simples *slogans* usados para os expressar e as relações lógicas entre os *slogans*: pode-se compreender a ciência, ou qualquer linha de pensamento frutífera, sem dela participar. Aqui Wittgenstein colocaria a objeção – e, para mim, com plena razão – de que os *slogans* recebem seu significado apenas em conexão com a prática da ciência, exatamente como a fórmula $-a \pm \sqrt{(b^2 - 4ac)}/2a$ recebe seu significado em conexão com a prática de solucionar equações. Do contrário, elas são observações marginais irrelevantes. (O procedimento atualmente empregado na filosofia da ciência é o seguinte: seus praticantes constroem uma miniprática com sua lógica própria, mas diferente da prática científica; assim como um carrinho de brinquedo se difere de um automóvel real: o funcionamento de um automóvel real não pode ser explicado dessa maneira.)

Poder-se-ia também notar a íntima relação entre os ‘jogos de linguagem’ ou ‘formas de vida’ de Wittgenstein e os ‘paradigmas’ de Kuhn. Nenhum deles pode ser compreendido nas bases de descrições simples e abstratas. A falta de clareza que filósofos que foram apresentados a tais descrições têm notado em Kuhn pode ser explicada pelo fato de este autor se coloca distante das tradicionais concepções de clareza e precisão a fim de apresentar uma imagem mais realista da mudança científica: assim como um jogo de linguagem, um paradigma não é uma entidade bem definida, mas uma palavra que designa uma prática cujos elementos apenas se tornam conhecidos para aqueles que participam dela.

A similaridade poderia também ser notada entre o ponto de vista que Wittgenstein ataca (e que descrevi na primeira seção do capítulo 1) e as novas tradições descritas nas seções 1 e segs. do capítulo 1²⁰.

Vários estudiosos das ciências sociais notaram que compreender uma prática é impossível sem a participação, mas foi descrito por eles na terminologia mentalista de seu tempo (‘Einfühlen’; ‘Verstehen’; e assim por diante). Eles estavam certos em admitir que para compreender uma prática deve-se estar ligado a ela mais do que se faz quando se usa hipóteses em geral (cf. os comentários de Wittgenstein sobre o papel da fórmula na matemática e sua crítica à ideia de que a matemática oferece uma consideração condensada e compreensível de uma prática temporalmente extensa; nessas observações ele refuta todas as tentativas de uma consideração ‘teorética’ das ciências sociais, inclusive o fraco *A Miséria do Historicismo* (London, 1968) de Popper). Eles se equivocaram em admitir que agir segundo os desígnios internos da prática envolve um processo mental e adquire conteúdo somente através dele. Eles ainda erraram quando aceitaram que uma prática tal como a descrita é importante apenas nas ciências sociais: é essencial para todas as ciências, inclusive a física e a matemática. Falando paradoxalmente, pode-se dizer que para Wittgenstein (e Brouwer, que fala explicitamente dessa forma) mesmo a matemática é uma ciência social, e que *não existem ciências naturais* no sentido como habitualmente entendemos.

²⁰ Feyerabend se refere aqui ao capítulo 1 de Feyerabend (1981c).

Finalmente, um comentário crítico sobre a ideia de Wittgenstein sobre a filosofia. Wittgenstein admite que os filósofos querem formular uma teoria daquilo que já existe, e ele está correto em afirmar que existem coisas muito mais complicadas do que as teorias filosóficas. Contudo, as teorias filosóficas não têm apenas refletido coisas, mas têm as modificadas, isto é, o (falso) conflito entre teoria e prática foi solucionado apenas com uma mudança da prática. Este fato refuta a ideia de que filósofos, e no fim de contas todos os fazedores de mitos, apenas erigem castelos no ar e introduzem um relativismo frutífero do tipo explicado em meu *Erkenntnis für Freie Menschen* (Frankfurt, 1980). (Feyerabend, 1981c, pp. 323-325).

Feyerabend ainda retornou à resenha de 1955 pelo menos mais uma vez. Na autobiografia *Matando o tempo* ele realizou a seguinte autocrítica:

Eu sabia que Wittgenstein não pretendia apresentar uma teoria do conhecimento, ou da linguagem) e procurei expressamente não formular uma teoria eu mesmo. Mas minha sistematização fazia o texto falar como uma teoria e adulterava as intenções de Wittgenstein. (Feyerabend, 1996, p. 101).

A herança de Wittgenstein em Feyerabend é bastante difusa e, por isso mesmo, ainda merece ser mais bem compreendida, inclusive no que diz respeito às discordâncias feyerabendianas quanto aos “wittgensteinianos”. (Feyerabend, 1991, p. 50; Oberheim, 2006, pp. 43-76). Talvez o local mais óbvio para se iniciar essa pesquisa seja o capítulo XVI do *Contra o Método* (3ª edição)²¹. Naquelas mais de cinquenta páginas²² a tese da incomensurabilidade aparece em sua formulação mais acabada e onde a tese de Anscombe de que “quadros mentais” e “princípios linguísticos” impedem formas distintas de pensamento e expressão se mostra mais forte. (Feyerabend, 2007; Abrahão, 2009). Porém, um estudo englobante sobre o tema – e, mais amplamente, sobre o impacto mesmo do pensamento de Wittgenstein na filosofia da ciência do século XX – não será realizado plenamente sem considerar a resenha de 1955 cuja versão em português ora se publica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, L. H. L. *A tese da incomensurabilidade teórica em Paul Feyerabend*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) 179f. – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte/MG, 2009.

_____. *O pluralismo global de Paul Feyerabend*. Tese (Doutorado em Filosofia) 351f. – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte/MG, 2015.

_____. *Feyerabendiana* (1951) – tradução e comentários. *Tradução em Revista*, 26, 2019.1, pp. 13-38.

²¹ Feyerabend se refere aqui ao capítulo 1 de Feyerabend (1981c).

²² Capítulos 17 e 16 das 1ª e 2ª edições do *Contra o Método*, publicadas em 1975 e 1988, respectivamente.

CARNAP, R.; HANH, H.; NEURATH, O. A Concepção Científica do Mundo: o Círculo de Viena. Tradução de Fernando Pio de Almeida Fleck. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, v. 10, p. 5-20, 1986.

FEYERABEND, P. K. Herbert Feigl: A Biographical Sketch. In: FEYERABEND, P.; MAXWELL, G. (Eds.). *Mind, Matter, and Method: Essays in Philosophy and Science in Honor of Herbert Feigl*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1966, pp. 3-13.

_____. *Realism, Rationalism and Scientific Method*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981a. (Philosophical Papers, 1).

_____. *Problems of empiricism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981b. (Philosophical Papers, Volume 2).

_____. *Probleme des Empirismus*. Schriften zur Theorie der Erklärung, der Quanten theorie und der Wissenschaftsgeschichte. Ausgewahlte Schriften, Band 2. Vieweg: Braunschweig, 1981c.

_____. *Contra o Método*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1993. (2a edição, 1988).

_____. *Three Dialogues on Knowledge*. Cambridge; Massachusetts: Blackwell Publishers Inc, 1991.

_____. *Matando o tempo – uma autobiografia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

_____. *A conquista da abundância*. Organizado por Bert Terpstra; tradução de Cecília Prada e Marcelo Rouanet. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005 (Filosofia e Ciência, 4).

_____. *Contra o método*. Tradução de Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2007. (3a edição, 1993).

_____. *Adeus à Razão*. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. *A ciência em uma sociedade livre*. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. *Physics and Philosophy*. Stefano Gattei & Joseph Agassi (eds.). Cambridge: Cambridge University Press 2016, (Philosophical Papers, Volume 4)

KUBY, D. Paul Feyerabend in Wien 1946-1955: Das Österreichische College und der Kraft-Kreis. In: BENEDIKT, M.; KNOLL, R.; SCHWEDIAUER, F.; ZEHETNER, C. (Eds.). *Auf der Suche nach authentischem Philosophieren*. Philosophie in Österreich 1951–2000. Verdrängter Humanismus - verzögerte Aufklärung. Bd. VI. Wien: WUV, 2010.

MONK, Ray. *Wittgenstein: o dever do gênio*. Traduzido por C. A. Malferrari. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

OBERHEIM, E. On the historical origins of the contemporary notion of incommensurability: Paul Feyerabend's assault on conceptual conservatism. *Studies in the History and Philosophy of Science* 36 (2), p. 363-90, 2005.

_____. *Feyerabend's Philosophy*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2006.

STADLER, F. *The Vienna Circle*. Studies in the origins, development and influence of logical empiricism. Wien-New York: Springer, 2001.

_____. Paul Feyerabend: Ein Philosoph aus Wien. In: STADLER, F.; FISCHER, K. R. (Eds.). *Paul Feyerabend: Ein Philosoph aus Wien*. Vienna: Springer, 2006, p. ix-xxxiv.

TEICHMAN, J. Gertrude Elizabeth Margaret Anscombe (1919-2001). *Proceedings of the British Academy*, 115, 2001, pp. 31-50.

VELLOSO, Rafael; VIDEIRA, ANTONIO AUGUSTO PASSOS . A indissociabilidade entre Física e Visão de Mundo segundo Paul K. Feyerabend. *PRINCIPIA (FLORIANÓPOLIS. ONLINE)*, v. 26, p. 509-537, 2022.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Translated by G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker and Joachim Schulte. Revised fourth edition by P. M. S. Hacker and Joachim Schulte. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltd, 2009.